

Valeria Sanchez Silva <valesanchez1@gmail.com>

Psicóloga clínica
Psicanalista – PUCSP/Sedes Sapientiae

O Coronavírus e o Mundo em Suspensão: Considerações sobre a Vida e Educação, no Contexto da Psicologia Analítica e Pedagogia Simbólica

Este artigo trata da vida em suspensão mediante a crise sanitária da Covid-19. A rede sistêmica das relações se afeta e é afetada por hábitos da cultura em transição, do sistema patriarcal à alteridade. Propõe um diálogo entre as ciências: psicologia, meio ambiente, política, saúde, sociedade, educação e cultura, onde a convergência verte na direção de uma educação viva, proposta pela pedagogia simbólica de Carlos Amadeu Byington. A Educação como prática de coexistir perpassa as dimensões da vida, que nestes tempos exigem resignificação; do micro ao macro, de modo holístico.

Foto: © Willy Verhulst
<flic.kr/p/GL1XhG>

"Ao cair um fio de cabelo no Oriente,
faz-se ouvir um estrondo no Ocidente."
koan de sabedoria Zen.

Estamos vivendo tempos difíceis, adoecidos, insanos...¹ O contexto é inusitado e o inimigo *Covid-19 (coronavírus)*, intensamente contagioso. A característica *epidêmica*, neste caso, soma-se ao fator de alta transmissibilidade, o que gera o quadro de *pandemia*, ou seja, condição que se estende a *todos*. A *Covid-19* desconhece fronteiras, do Oriente ao Ocidente, atravessa continentes, países, estados, cidades, esquinas. Desloca-se tão ou mais rapidamente que a nossa capacidade de percepção ou administração. Estamos sendo todos "pegos", de uma forma ou de outra, na contramão das rotinas da vida, e sem repertório para o enfrentamento. São tempos de incertezas generalizadas. As medidas preventivas, do Ministério da Saúde, seguem recomendações da OMS, que alinha orientações da quase totalidade dos países. As orientações vão das práticas de higiene a medidas extremas de isolamento social, em caráter de urgência! Ao toque da *Covid-19*, o mundo se retrai e paralisa, causando mal-estares, mortes e mudanças estruturais, em potência devastadora aos quatro cantos do mundo... Essa gama de reverberação remete à teoria do *Efeito Borboleta*, de acordo com Lorenz (cf. "Efeito Borboleta" nas Referências): "...O bater de asas de uma borboleta pode influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez provocar um tufão do outro lado do mundo." Fenômeno claramente demonstrável pela *Covid-19*, em que as relações de dependência e interdependência sistêmicas causam mudanças estruturais e profundas, a partir das condições sensíveis, de estímulos invisíveis advindos da China...

Nunca foi tão fácil compreender os efeitos causados por um vírus invisível vindo do Oriente, e os estrondos que se espriam pelo Ocidente. As ondas de desafios, em estrondos de *tsunami* global, sem precedentes, desencadeiam a maior mudança da história contemporânea mundial. O impacto está sendo percebido internacionalmente como um *big-crush*, uma quebra descomunal, que desconfigura a vida estabelecida, o *establishment* na dimensão de uma "terceira guerra mundial", como afirmou o presidente da França, Emmanuel Macron.

O isolamento se apresenta como a forma mais eficiente de prevenção, evitando o perigo da contaminação simultânea. Achatar a curva da manifestação da doença, diminuir o ritmo da propagação e evitar o colapso dos sistemas de saúde se alinham à medida fundamental. Estamos aprendendo com experiências de maior ou menor sofrimento e êxito de países como a China, Itália, Inglaterra, EUA, etc. No Brasil cada região, cidade, situação, comunidade tem suas peculiaridades e indicadores de conduta; mas a restrição de mobilidade e a indicação de isolamento é algo unânime para todos. Medidas de higiene, alimentação, exercícios físicos (em casa), complementam as recomendações. Somos seres gregários e a vida em modos de convivência "normal" deixou de existir.... Encontramo-nos literalmente deslocados, sem lugar nem condição de opção. Temos de inventar outras rotinas e formas de exercer a escola, o trabalho, a academia, lazer, compras, viagens... Como viver em isolamento social? Jacob Levy Moreno, criador do psicodrama, denominou "*Placenta Social*" as relações humanas vitais e mais próximas que nos alimentam, protegem e referenciam. Como o próprio nome diz, a *placenta social* é fundamental na manutenção da nossa saúde e viabilização das condições da saúde integral. Em tempos de *pandemia* as "*relações virtuais*" são uma forma de amenizar o isolamento e viabilizar afetos. Esses novos modelos e redes sociais consolidam a "*placenta social-virtual*" como manutenção e socialização da espécie em redes de amigos, familiares e grupos de apoio. A vida em

1. Artigo publicado pela primeira vez pela Revista A Escola Legal (<https://aescolalegal.com.br>), em maio de 2020. Disponível em: <<https://aescolalegal.com.br/2020/05/12/o-coronavirus-e-o-mundo-em-suspensao/>>. Acesso em: novembro de 2020.

conexão precisa continuar, ainda que por outros caminhos e endereços. As plataformas digitais são caminhos alternativos, que vieram para ficar, e têm ajudado a reconfigurar a nova "ordem mundial". Na área afetiva, as carências se somam aos conflitos... Se por um lado abraços e beijos ocasionais se tornaram ameaçadores e fora do contexto, em outro extremo, situações de convívio forçado, em regime de confinamento, podem acentuar as contingências de violência doméstica. Permanecer em casa traz questões paradoxais para quem não tem casa. Orientações confusas sobre como evitar aglomerações e como manter a distância, para quem mora em comunidades, com espaço restrito e sem condições de salubridade. Para outras pessoas pode ser sufocante e até mesmo desesperador permanecer em casa, como *prisão domiciliar*. Estamos destituídos, perdidos, soltos, sem ação, confusos, atônitos e, literal ou simbolicamente, sem chão... É preciso parar e acionar o breque da engrenagem do "sistema", e isso não é qualquer coisa! Abrange uma gama incomensurável de fatores, com complexidade e consequências sem precedentes. O isolamento acionado como medida para salvar vidas inviabiliza muitas condições de manutenção da própria vida... que, atônita, encontra-se, sem condições. Desinstalados e/ou confinados, comungamos de um mesmo processo de aprendizagem, na condição de aluno sem escola.

"O nosso dever é dar ordem ao caos
e ao pandemônio social do nosso tempo."
Viana Moog

Nas últimas semanas recolhi alguns comentários sobre este momento, no consultório, via *internet*: "Este momento não me parece real"- 'Tenho a sensação de estar vivendo um pesadelo'- 'Perdi o chão, e estou com medo generalizado', 'Fui dormir e acordei em outro mundo... quero acordar'- 'Deve ser exagero da mídia, isso não pode estar acontecendo...' - 'Sinto como se a Terra tivesse posto todos os seus filhos no quarto, para pensar...' - 'Perdi as minhas referências, mas preciso confessar que uma parte em mim está gostando da experiência...' - 'Sinto uma tempestade desabando, e uma nuvem escura e imensa se aproximando...' sic.

Atônitos, observamos a relação sistêmica dos efeitos do *coronavírus*; e presenciemos, incrédulos, o desenrolar da trama, o pesadelo se instalando na vida real, o caos como ameaça, e a chegada de uma gigantesca sombra que ameaça desabar... Provoca medos e inquietudes, em meio a instigantes e desafiadoras sensações ambíguas. A conduta é parar, observar, silenciar e começar a escutar: o inimigo é invisível, está no comando, retirou as "certezas", nos enquadrando em quarentena indeterminada. Revelou impotências, desmantelou planos, trouxe inseguranças, revelou medos, embaralhou todos em nós... Às conseqüentes rupturas do *coronavírus* somam-se vetores e potências para além de fronteiras, e previsões, em desdobramentos inimagináveis... Da noite para o dia, de maneira implacável, estamos vivendo a desconstrução da complexa teia da civilização capitalista patriarcal. A estrutura do Dinamismo Patriarcal, segundo Byington (2002, p. 24), contempla: "hierarquia, dominância, obrigação, ordem, perfeição, culpa e poder (...)" Fomenta o culto à tradição, aos valores dogmáticos e à causalidade racional". Essas posições de consciência privilegiam valores impotentes e insuficientes à crise em questão.

Em estado de desorientação e *caos*, percebemos o fio que nos interliga a todos. Estamos vivendo tempos de *estresse* agudo, crônico, sistêmico, global, e sem data para terminar... Fomos parados e aqui estamos, à parte, apátridas, confinados, circunscritos a nós mesmos, às nossas escolhas ou à falta delas. Essas condições reunidas podem nos levar a um agravo da situação de *pandemia* para outra ainda pior, a de *pandemônio*. O prefixo (*pan* significa *todos* mas também faz referência a *Pan*, deus da Arcádia. Segundo o mito, ele surgia assustado-

ramente, e com seu berro, gelava de terror, medo, (*pânico*) aos desavisados. O fato é que *Pan* não é tão feio como pintam... Ele representa o campo agreste da natureza e suas forças autônomas, em estado puro, selvagem, livre, solto, nos cortejos *dionisíacos*. Se a natureza selvagem assusta o homem civilizado, o pretendo domínio e repressão da natureza asfixia, esteriliza e adoce o mundo. A palavra *daimonio* vem do grego, *daimon*, relativo a entes ou forças de natureza supra-humanas. A união de *pan* + *daimonio* remete ao neologismo *pandemônio*: "Abrir a capital imaginária do Inferno", de acordo com o dicionário *Novo Aurélio Século XXI*. O perigo que se apresenta mediante a *Covid-19* vai além da crise sanitária, com agravos em desencadeamento de *tsunami* sanitário-psico-socio-econômicos-políticos simultâneos e globais.

De acordo com o sociólogo Bauman (2005, p. 64), em tempos de crises sociais, indivíduos assustados se arrebanham e se tornam *turba*.

A turba procura a ação autômata, em bloco, mas não pode produzir efeito sobre as causas naturais da [crise]. Assim sendo, busca uma causa acessível e fora de si, que possa aplacar o seu apetite por violência. O restante é muito confuso, mas fácil de imaginar.

Não interessa abrir as portas à violência e inferno, muito menos fazer disso, do nosso território, a sua capital. Mas talvez não tenhamos repertórios, recursos para lidar adequadamente com os paradoxos que se nos impõe. Estamos imersos em uma das maiores crises sanitárias, atravessada por desequilíbrios políticos, psicossociais, com desigualdades econômicas abissais... Vivemos uma fase insana da vida, e este enfrentamento pressupõe uma luta, que exige que estejamos todos do mesmo lado; unidos contra a *Covid-19*. Social e economicamente interligados em empatia e solidariedade.

"Ou viveremos todos juntos como irmãos,
ou morreremos todos juntos como idiotas."

Martin Luther King

Estamos vivendo a pandemia por seu lado do avesso, em disputas, desalinhas, na *contramão* da vida. A condução política do governo Bolsonaro fabrica e propaga mensagens dúbias e contraditórias... Em psicologia chamamos *dupla mensagem* as falácias ditas e desditas, em medidas e desmedidas, que confundem, desorientam e levam à desorientação psíquica. Convocam, confrontam e negam as próprias falas, arrebatam a turba em coletivos e carreatas insanas, favorecendo contágios, disputas e o agravamento das crises. Seguimos na direção do pandemônio, rumo ao caos sanitário e à esquizofrenia social. Quando falamos do perigo de abrir a porta da capital do inferno, estas seriam algumas das chaves...

Como "bem parar" na pandemia e evitar o pandemônio? Temos inúmeras perguntas sem respostas, e precisamos continuar a inventar a vida em estado de "suspensão". Esta condição é o próprio desafio e se estende majoritariamente às áreas da sobrevivência, saúde, ciência, educação. Para nós, educadores, a situação de escola fora da escola traz a convocação de 24h/dia na direção de superações... Aos que anseiam acabar a quarentena para voltar à vida normal, o virologista brasileiro Atila Iamarino, em entrevista para o programa Roda Viva (2020), comenta: "Não temos como voltar a um mundo que não existe mais". Se não podemos voltar, temos que seguir. Neste momento, seguir sem ter para onde ir é suportar a vida em estado de "suspensão" ... E isso pode ativar, no campo psíquico, desafios surpreendentes.

A cultura grega, a mitologia órfica, ensina que Caos é a possibilidade de Tudo, Pai e Mãe do *Cosmo*. Dar ordem ao caos é conspirar na direção de um

"outro" cosmo possível... Parafraseando o lema do Fórum Social Mundial: "*Um outro Mundo possível*". Mas estes são tempos de desafios: "Ação, pela não ação", segundo o taoísmo de *Lao Tsé*. – Ou por "outras" formas de ação, como a imaginação. De qualquer forma, a suspensão da vida conhecida, consciente, nos submete à sombra do desconhecido, da escuridão, do inconsciente. Desinstalados, vivemos condições múltiplas de estresse sistêmico, que assombra e desafia. Podemos afirmar que a *nova escola* começa aqui: fomos dormir numa noite, como adultos, pais, educadores e acordamos todos como *alunos sem escola*... Sabemos apenas que precisamos reinventar outros modos de ser e estar escola, cultura, mundo.

A psicologia bioenergética constata, observando a nossa natureza biológica, que em situações de perigo temos, comumente, três opções instintivas: lutar, fugir ou paralisar. Neste caso não temos ciência, conhecimento para lutar. Também não temos para onde fugir, nenhum lugar é seguro. Além disso, não sabemos "como parar", nem como lutar. A incerteza generalizada é a própria sombra desconhecida, avançando... A saída é para dentro, adentrar, ficar em casa.

TUDO É PSIQUE, MUNDO E COSMO

Etimologicamente, a palavra *psicologia* significa *psique*, alma, e *logos*, estudo, alma em estudo, ou estudo da alma. A psicanálise e a psicologia analítica entendem *psique* como a totalidade das instâncias consciente e inconsciente, que se estende para muito além da soma de suas partes... A psicologia analítica, de Carl Gustav Jung, nos demonstra que é natural, em tempos catastróficos, transitar por estados *sintomáticos*, em diferentes graus de psicopatologia. Quando não temos repertório que expresse o sofrimento, podemos extravasá-lo através de sintomas. Neurose é "o sofrimento que ainda não encontrou o seu significado" (JUNG, 1981, p. 240). No caso da pandemia, como responder às questões postas como angústias, medos, fobias etc...? As fronteiras do real e imaginário podem se fundir em estados de confusão mental, como águas de um mesmo mar, e se misturar em inevitáveis ondas de estresse, e assim como o *coronavírus*, nos submete a todos. Na psicopatologia, comportamentos antes classificados como transtorno obsessivo-compulsivo (TOC), ou persecutórios paranoides, em tempos de pandemia, são apenas sinais de "cuidados". É possível reativar velhos sintomas ou "visitar" o manual de classificação das doenças internacionais (CID-10). Podemos também inaugurar e desenvolver sintomas inéditos, próprios destes tempos desconhecidos... É importante desenvolver o autoconhecimento e saber identificar "quando" procurar a ajuda profissional. Mas tempos de desequilíbrio geram sintomas equivalentes e devem ser recebidos como frutos da ocasião. Aceitar, observar e aprender com os "incômodos visitantes" é um bom jeito de começar a lidar com o desconhecido em si mesmo... Os sintomas devem ser vistos como sinais, *insights*, senhas, pistas das questões que nos inquietam e clamam por respostas.

A psicologia é parte das ciências da natureza e está inserida em suas leis. Jung afirma que as pessoas que nada sabem da natureza têm mais chance de se tornar neuróticas, uma vez que se posicionam à parte: "A nossa psique é estruturada à imagem do mundo, e o que ocorre num plano maior se produz também no quadro mais ínfimo e subjetivo da alma" (JUNG, 1981 [1975], p. 240). Sob o modelo desenvolvimentista exploratório, a história da civilização patriarcal, especialmente a partir do séc. XVIII, levou a psique, ou a alma do mundo, "*anima mundi*", a adoecer. Jung retoma esta expressão, *da alma neoplatônica do mundo*, como uma das tarefas da psicologia. Em suas memórias, afirmou que dentre os assim "chamados neuróticos", um bom número não o seria, se o homem não tivesse se dissociado da natureza. Vivendo a natureza e não apenas a vendo de fora: a desunião consigo mesmo teria sido poupada. O escritor e poeta

Lawrence constatou no início do séc. passado que "A *anima mundi* está afundando, como uma barcaça lotada de lixo." (HILMAN, 1992, p. 37). O ser humano como parte inerente da natureza está afundando junto, como causa e consequência. Consciência e cosmos, mente e natureza são partes de uma e da mesma representação do todo. Segundo Grof (1984, p. 35): "Cada partícula de energia e matéria representa um microcosmo que envolve o todo e transmite informações sobre as mesmas". Em tempos de pandemia experimentamos o mundo sintomático que somos, que por sua vez espelha nossas ações, e nos reflete de volta... Psique, corpo, mundo, cosmo são extensão e parte do mesmo território.

"O mistério da Esfinge: Decifra-me ou devoro-te"
Édipo Rei, Sófocles

A COVID-19 faz desafios inusitados e assustadores. Estamos vivendo literal e simbolicamente sob a égide de um monstro invisível e contemporâneo. E assim como a *Esfinge* que se apresentou a Édipo nas estradas do caminho, ela (Covid-19) se apresenta a nós, nas esquinas do mundo, em equivalente desafio: "Decifra-me ou devoro-te". A etimologia da palavra *esfinge* vem da mesma raiz, *esfícter*, relativo à tensão visceral e muscular que o desafio evoca e estamos todos à mercê de suas questões: A que vem? O que quer? Como parar? Como mudar? Como sobreviver? Qual o sentido desse desafio? Enfim, como responder assertivamente à errância desses mistérios? Talvez o novo corona seja: um "daimônio apocalíptico" ou um "sábio daimon" sistêmico, mestre do *inter-ser*? - Quem sabe um "alquimista ao revés", trans-formador do ouro ao pó... - Uma "entidade marxista", no ensino prático do "Capital". Talvez seja "Kairos", senhor do tempo oportuno, a destronar "Cronos", por nossa falta de tempo... Quiçá uma molécula de "morcego raivoso", em resposta ambiental. Talvez apenas o "ativamento do sistema imunológico da Terra"... Uma coisa já sabemos: essa *esfinge* nos quer conectados, interdependentes, em estado comum. Uma dessas hipóteses pareceu literal ao deputado Carlos Bolsonaro, ao declarar: "O desenho é claro: partimos para o socialismo" (Revista ISTO É, abril 2020). O pensamento cartesiano nos leva a literalizações reducionistas e causais. Mas também revela a própria condição de "insalubridade" que somos ou estamos. Os testes de "humanidade" têm sido diários. A pandemia, como parte da tarefa, destituiu e ainda irá destituir certezas, domínios, arrogâncias (*hybris*, em grego). Traz o homem de volta a sua dimensão de *húmus* - lama fértil, estado básico da matéria - em condição de reciclagem, compostagem, resignificação da vida e suas instâncias como: educação, cultura, consumo, rumos civilizatórios...

A escola está fechada, mas finalmente se abriu ao "não saber"... Nesse estado de suspensão temos a oportunidade de revisar os saberes em questionamentos necessários e urgentes, sobre caminhos e descaminhos civilizatórios, nas interfaces do conhecimento. Fique em casa com-ciência. O desenvolvimento da *consciência* não é um fenômeno simples; não se ensina, se apreende... pois é fruto maduro do conhecimento vivencial, crítico.

"O que ocorrer com a Terra recairá sobre os filhos da Terra... há uma ligação em tudo (...) A Terra não pertence ao homem, é o homem que pertence à Terra."
Chefe indígena (Seattle, 1854)

A cultura tradicional dos povos originais vive em harmonia com todos os elementos da natureza, desde os princípios... A percepção do ser humano, como causa e consequência dessa cadeia sistêmica interdependente, vem se conso-

lidando principalmente a partir dos desequilíbrios ecológicos provocados pelo homem. Estudos sobre a *Teoria Gaia* compreende o planeta Terra como um ser vivo, uma entidade planetária, dotada de corpo, órgãos, circulação, temperatura, respiração, pulsação... As florestas, a vegetação, assim como os animais, dos quais somos parte, coabitamos o campo epidérmico de Gaia. Todos estamos inseridos na biosfera, como parte da pele do planeta... Podemos conspirar com a homeostase, em atitudes cooperativas, integrados como parceiros do sistema, ou na direção contrária, como exploradores, predadores, inimigos da "Grande Mãe", como era chamada, desde a antiguidade. Saúde ou adoecimento são consequência da qualidade relacional e interdependente de nossas ações: O que ocorrer com a Terra recairá sobre os filhos da Terra...

A coisificação da natureza, assim como a exploração mercantil de seus recursos, como se fossem infinitos, traduz resultados desastrosos, da produção ao descarte de resíduos, em desastres ambientais generalizados e recorrentes. As contas, literalmente, não fecham: A Terra impõe seus limites... Recuperar a capacidade de *escuta* à Terra é recuperar a nossa relação de ser alma no mundo. O *coronavírus* como fruto da natureza "toca a todos". Essa é a sua natureza de ser: *pan...* É o equilíbrio sistêmico de Gaia que nos permite existir, ou não. Quando envenenamos a Terra, envenenamos toda a cadeia da vida. Somos causa e consequência de tudo o que acontece. Sobre a pandemia o ecopsicólogo Merrit afirma: "A psicologia ecológica compreende a proliferação do *coronavírus*, como algo que se manifesta globalmente, diante de um profundo desequilíbrio ambiental" (IES - Sociedade Internacional de Ecopsicologia disponível em <http://www.ies.bioz-ecopsycology>, acesso de abril, 2020). As forças da natureza não estão contra nós, são apenas indicadores dos desequilíbrios gerados. Os desafios destes tempos se acumulam em necessidade de reinvenção dos sistemas civilizatórios. Nossos hábitos e ações automatizados estão interrompidos, o mundo estabelecido, em suspensão. Os saberes impotentes, rendidos às crises. A vida se apresenta inteiramente oportuna a reflexões e reciclagens. Não é exagero afirmar que cada fato é uma oportunidade pedagógica... um desafio a ser estudado. Se entendemos escola como a casa do conhecimento, podemos redimensionar, agora, a casa como território da escola, em íntima interconexão. E aqui casa, escola, psique e mundo são apenas instâncias do mesmo Cosmo. Somos natureza e precisamos encontrar respostas para as questões que nos assombram. Este é um momento oportuno para repensar a teia sistêmica da vida. Não sabemos o que fazer, nem por onde começar. A psicologia analítica propõe que: comecemos por nós mesmos...

A EDUCAÇÃO COMO PRINCÍPIO

O mundo grego não é só espelho, onde se reflete o mundo moderno na sua dimensão cultural e histórica. É também símbolo da nossa consciência racional civilizatória. Somos filhos da *Paideia*, a mãe grega da pedagogia, da educação e civilização ocidental, que, por sua vez, nasceu da efervescência dos mitos, poemas, música, canto, dança, artes dramáticas entre outras formas de expressão. Platão é citado pelo historiador grego Jaeger ao afirmar que os primeiros fios da "ação educadora" é fruto do campo dos mistérios e deslumbramentos dos povos originários. "A 'teoria' da filosofia grega está intimamente ligada à sua arte e poesia, originais. Não contém só o elemento racional" (JAEGER, 1995, p. 19). Diferentemente do nosso *modus operandi* em que o pensamento vem em primeiro lugar. Os gregos relevaram o senso inerente do significado da "natureza", de modo que nenhuma parte das manifestações humanas poderia estar isolada da matriz, e continua: "Chamamos orgânica a esta concepção, porque nela todas as partes são consideradas membros de um todo: pensamento, linguagem, ação e todas as formas de arte" (JAEGER, 1995, p. 11). Essa é a base e o manancial da

educação e cultura; em estado de latência em cada um de nós, pronta a irromper sempre que as "condições" sejam dadas. Nesse sentido o autor afirma:

Quanto maior o perigo de degradação sociocultural (...) maior o profundo valor das forças conscientes do espírito, que se destacam na obscuridade do coração humano e estrutura, no frescor matinal, o gênio criador dos povos jovens, as mais altas formas de cultura. (JAEGER, 1995, p. 13)

Estamos vivendo um grande impacto civilizatório, pelas vias de um vírus *disruptivo*, onde o perigo e a degradação são eminentes. No entanto, parece que a COVID-19 é apenas "*uma gota d'água*" que faz transbordar o caldeirão do planeta. Perspectivas *distópicas* se apresentam, em regime de urgência. Mas a pausa, para a diminuição do contágio, pode ser a oportunidade para que se constelem no consciente coletivo do planeta as condições de um novo e ressignificativo ciclo da *paideia*.

A EDUCAÇÃO COMO RE-INVERSÃO E RE-INVENÇÃO DO MUNDO

Estamos na transição de um mundo extrovertido, para outro intro-vertido, vertido para dentro, em casa, como território do saber, de *volta a si*. A re-inversão da libido nos convida a adentrar, e é nesse campo, de introversão, que a pesquisa, a nova investigação começa. De fato, não há dentro, nem fora, tudo é psique e mundo. Mas, há sim diferentes ângulos e perspectivas que refletem distintos pontos de vista. O psicodrama reconhece a importância da tarefa da introspecção na técnica do solilóquio, chamada de: "*psicodrama interno*", como oportunidade de dialogar com as instâncias que nos habitam. A que a psicologia analítica de Jung chama de Imaginação Ativa. A psicanálise também reconhece, nesse território, o berço e a base do saber. A oportunidade de re-inversão da libido não deixa de ser um privilégio... Como estranhos nos ninhos, temos a oportunidade de ficar mais tempo em casa e realmente conhecer o território. A convivência é uma oportunidade de re-conhecimentos: Como estamos vivendo este período de confinamento em família? Diálogo? Briga? Distanciamento? Aproximação? Violência? Contradição? Inovação? Colaboração? Como estamos vivendo as condições de escola a distância? Repetindo e reeditando o modelo desvitalizado e usual de ensino, com a diferença de ser pelas vias do EAD, via *internet*. Ou nos abrindo a novas formas e conteúdos de questionamentos? Nessa perspectiva, não existe um fato que não seja pedagógico. Esta é uma oportunidade educativa ímpar... Afinal, como diz o escritor e poeta Rubem Alves: "A primeira função da educação é ensinar a ver." (2002, p. 68).

Onde estamos e para onde vamos? A vida em suspensão exige matrículas em outras condições de ser escola. A educação como perspectiva pedagógica tradicional é meramente racional e limitada. A exclusão da inteireza, dissociada da natureza, faz com que os próprios educadores repitam modelos *des-animados*, sem alma, como um reflexo do modelo de sociedade adoecida que construímos e a que pertencemos. Sobre isso, o médico, analista e educador Byington afirmou:

Alunos (...) geralmente imobilizados em cadeiras (...) ouvindo frases lógicas, desvitalizadas da emoção, do prazer, do lúdico, e da dramatização existencial da vida, (...) longe da natureza (...) quase sem corpo, sem sociedade, sem imagens, sem emoção. (BYINGTON, 1996, p. 29)

Nessas condições a libido (energia vital) fica aprisionada, represada e cobra seu preço; geralmente em intercorrências de violência nas salas de aula e fora delas. Medidas punitivas e mecanismos de repressão se retroalimentam em muitas faltas. Esta é uma oportunidade para refletir o mundo e o papel da educação

como matriz criadora entre o mundo que temos e o mundo que queremos.

Estamos vivendo um paradoxo: De um lado, o modo de vida conhecido, de outro por conhecer, desconhecido, sombrio, inconsciente. Segundo Jung, essa tensão entre os contrários pode nos fazer "(...) chegar ao limite do suportável, quando levado a sério" (1981 [1975], p. 49). Mas ao mesmo tempo é nessa intersecção de mundos que "(...) as soluções se apresentam de maneira espontânea" (1981 [1975], p. 62). Esse é um fenômeno enantiodrômico, uma inversão de sentidos, e se dá através da "emergência do 'símbolo', que é o elemento de sentido que jaz oculto provavelmente em todo aparato biológico" (JUNG, 1981 [1975], p. 89) O símbolo é o denominador comum, o intermediário entre as instâncias conscientes e inconscientes. É a linguagem original e universal da humanidade, dos povos tradicionais, dos artistas, dos poetas, dos cientistas, dos sonhos; dormindo ou acordado. É a potência criativa das artes, matriz da *paideia*, da pedagogia, da educação e cultura, de que falava Platão. Esse saber se esconde e se revela no campo imagético. Podemos entender este como um dos maiores desafios à missão de educador. Tudo o que acontece no mundo externo tem origem no nosso interior... A *esfinge coronavírus* demanda, e podemos começar a responder pelas vias lúdicas, imagéticas, científicas, poéticas, orgânicas, integradas, sistêmicas... Estamos todos nivelados à condição de *pan-aprendizes*, em estado comum de não-saber. A dimensão simbólica nos atravessa em sonhos, diurnos e noturnos. Podem se espriar em fixações e retrocessos, ou em re-evoluções inovadoras. O medo do novo, do desconhecido, *misoneísmo*, pode nos induzir a repetir os mesmos padrões, incorrendo nos mesmos resultados. Ou podemos responder com símbolos estruturantes criativos, ousando ir além... O sistema educacional, como base da cultura de nosso tempo, clama por reformas. As condições e falta de condições, destes tempos em suspensão, evocam e instigam a imaginação... Reúne o mundo objetivo e subjetivo, consciente e inconsciente, extrovertido e introvertido à dimensão simbólica... que remete a totalidade, de acordo com Byington: "O novo nasce, na interface dos opostos, do absurdo" (1996, p. 29). O que incomoda também instiga e as inquietudes não são apenas fatores de *estresse* e sintomas. São também capacidade e potência criativa, do vir a ser, do devir.

A PEDAGOGIA SIMBÓLICA

É um método criado por Byington, nos anos 1970/80. Essa pedagogia é baseada no desenvolvimento da personalidade como um todo e inclui todas as dimensões da vida: corpo, natureza, sociedade, política, atravessada pelas dimensões da emoção e imagens. É um método construtivista, que privilegia experiências, não se reduz à abstração. Baseado nas obras de Piaget, Heidegger, Freud, Jung, Teilhard de Chardin, Vigotsky, Paulo Freire; traz o propósito de uma educação viva.

A pedagogia simbólica baliza o ensino e aprendizado com o funcionamento histórico da vida individual e cultural, integrado à vivência objetiva, emocional-social do corpo bio-físico-químico do ecossistema planetário, do qual somos parte" (BYINGTON, 1996, p. 46)

Esse método traz a dimensão dos afetos e diálogos. "O desenvolvimento simbólico da psique, dentro do vínculo transferencial amoroso professor-aluno" (BYINGTON, 1996, p.49). É a qualidade da relação que intermedia a saúde da educação. Os lugares abandonados pelo amor são ocupados pelo poder, diz Jung. Esta é uma pedagogia centrada no processo emocional, cognitivo e existencial do indivíduo, da escola, do planeta e do cosmo. A humanidade, assim como o mundo, está mudando de pele, de formato, de meta e conteúdo. Vivemos tem-

pos confusos e ao mesmo tempo oportunos, para nos tornarmos a escola que queremos.

A pedagogia simbólica almeja a contemplação da consciência sistêmica, na teia da vida, que prima na direção do diálogo, cooperação, respeito às diferenças e inclusão democrática. Byington fala que esta é uma pedagogia do "Self, porque é a soma de todos os conteúdos psíquicos incluindo a identidade do Eu e do Outro, no consciente e no inconsciente (sombra), aquela parte do Eu que foi alijada para o Inconsciente". (1996, p. 50).

Uma nova ordem civilizatória clama na direção do dinamismo da alteridade: (*alter* – outro), implicado na interação-natureza, em condição de equivalência e igualdade, na interligação de tudo e *todos (pan)*. Estamos vivendo, assombrados, o lusco-fusco destes processos, em transição... 

Referências

- ALVES, R. Conversas sobre Política. Campinas: Verus Editora, 2002.
- BAUMAN, Z. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BYINGTON, C. A. *Pedagogia Simbólica: a construção amorosa do conhecimento de ser*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.
- _____. *O Arquétipo da Vida e da Morte: Um Estudo da Psicologia Simbólica*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2002.
- Efeito borboleta. In: *Wikipédia*. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/wiki/Efeito_borboleta#:~:text=Este%20efeito%20foi%20analisa-do%20pela,do%20outro%20lado%20do%20mundo.> Acesso em: novembro de 2020.
- Entrevista de Atila Iamarino ao Programa Roda Viva, TV Cultura, 30/03/2020.
- GROF, S. *A Mente Holotrópica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- HILMAN, J. *Cem anos de psicoterapia... e o mundo está cada vez pior*. São Paulo: Summus Editoa, 1992.
- JAEGER, W. *PAIDEIA: A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- JUNG, C. G. Resposta a Jó. *Obras Completas*. São Paulo: Vozes, 1981.
- _____. *Memórias, Sonhos e Reflexões*. São Paulo: Nova Fronteira, 1981 (1975).